



HABERMAS

Isaías Pascoal*

Instituto Federal de Educação do sul de Minas – Campus

Inconfidentes

ipascoal@uol.com.br

RESUMO: Este artigo procura mostrar a importância do pensamento de Habermas nas Ciências Sociais contemporâneas, sua contribuição para o entendimento da sociedade atual a partir da utilização dos conceitos de sistema e mundo da vida, bem como expressar os problemas teóricos daí advindos.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema – Mundo da vida – Colonização – Comunicação.

ABSTRACT: This article intends to show up the importance of Habermas' thought in the contemporary Social Sciences, its contradictions, and its contribution to understand the present society, and the problems

KEYWORDS: System – Word's life – Colonization – Communication.

INTRODUÇÃO

Habermas é um dos mais densos pensadores do século XX. Coloca-se como uma referência obrigatória a todos os que trabalham com teoria social. Em primeiro lugar, porque é o autor da maior síntese teórica do século. Em sua teoria estão presentes diversas correntes intelectuais. Não em sua totalidade, pois ele as analisa, mostra suas deficiências, e capta pontos que podem servir para a criação de uma visão própria da sociedade moderna.

Aparecem em sua teoria idéias de Kant, Marx, Weber, Durkheim, G. H. Mead, Parsons, Piaget, Luhmann, da Hermenêutica, da Lingüística, e da Escola de Frankfurt. Uma gama enorme de pensadores e correntes teóricas que foram “digeridos”, e assimilados em parte. Ele não se alinha e nem se contrapõe automaticamente a nenhum

* Professor no Instituto Federal de Educação do sul de Minas – Campus Inconfidentes.

deles. Juntando suas contribuições, suas intuições, que julga portadoras de poder explicativo da sociedade moderna, cria o arcabouço para a sua própria interpretação.

Habermas representa a encarnação mais densa da tendência que vem tomando conta da teoria social desde o final dos anos 70. J. C. Alexander alerta que, após as disputas teóricas dos anos 50 aos 70, marcadas pela polarização, um movimento de síntese vem se manifestando no seio das Ciências Sociais, do qual outros exemplos são Giddens, Bourdieu, entre outros. Para Alexander:

Onde, até dez anos atrás, havia um clima inteiramente favorável a programas teóricos radicais ... ouve-se contemporaneamente a exortação a uma teorização de tipo completamente diferente ... o que está na ordem do dia é uma teoria que busque a síntese do que uma que insista na polêmica.¹

Habermas é a melhor confirmação dessa tendência. Isso ocorre em razão do esgotamento dos sistemas anteriores que, se por um lado, enfatizam certos aspectos da realidade social, por outro, obscurecem determinados elementos. Parsons, Luhmann, por exemplo, enfatizam a realidade do sistema. Obscurecem a da ação individual. G. H. Mead, Husserl, a título de exemplo, fazem o contrário.

As mudanças pelas quais tem passado o mundo nos últimos tempos têm forçado tais encaminhamentos. Fato corriqueiro nas Ciências Sociais. Mesmo os clássicos, sejam eles quais forem, de qualquer área, estão atados ao seu tempo, por ele determinados, embora possam criar conceitos e categorias que podem servir de inspiração para análises de outros momentos. O contrário disto seria a-histórico, porque a-temporal.

O mundo vem passando por um incrível processo de transformação, em todas as suas dimensões, desde os anos 60. A cada década, as mudanças se aceleram e se acumulam, criando uma situação nova, geradora de novas problemáticas, que exigem novas teorias com capacidade explicativa mais abrangente. Neste processo, teorias anteriores são retrabalhadas, combatidas acirradamente, ou restauradas. As sínteses encontram terreno propício para se desenvolver neste ambiente. Ela não é a mera somatória de correntes díspares. Elementos diversos entram para compor uma visão-de-mundo original. É o caso de Habermas. Se ele é tributário de muitos pensadores, sua

¹ O NOVO movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 2, n. 4, p. 5, junho de 1987. Cf. também DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 57.

teoria não é mera somatória. É uma criação original. No último quartel do século XX, as mudanças nas estruturas globais do mundo se tornaram muito evidentes.

Os paradigmas teóricos, que têm na consciência e no trabalho o seu núcleo ordenador, não têm mais poder explicativo para a nova realidade mundial, chamada por Habermas de “capitalismo tardio”. Isso não equivale a rejeitar todas as suas dimensões e implicações. Mas tal como foram estruturados, são inadequados para apreender as múltiplas dimensões da realidade social. Na nova realidade do “capitalismo tardio”, ciência e tecnologia, segundo a interpretação dos pensadores identificados com a Escola de Frankfurt, desde o Iluminismo se aliaram à produção, e são, atualmente, suas maiores forças produtivas.

A cultura, segundo variadas interpretações, adquiriu um grau de autonomia como nunca fora possível antes. Imagens, idéias, fragmentos diversos da ordem cultural, se ligam à dinâmica dos meios de comunicação, que os expandem a todos os cantos, relacionando-se com as tradições culturais de outros povos, fenômeno que a filosofia “pós-moderna” diagnosticou em abundância, embora isto não queira significar que suas interpretações e prognósticos sejam a verdade.

Captar as tendências deste mundo moderno, buscar elementos heurísticos menos rígidos, mais flexíveis, que permitem uma visão poliforme da realidade social, é uma necessidade. Habermas expressa essa tentativa.

OS MODELOS INTERPRETATIVOS ANTERIORES:

O primeiro paradigma com o qual ele dialoga é o da “consciência”. Neste conceito muitas visões filosóficas estão enquadradas: de Descartes, passando por Kant, até a fenomenologia, que tem em Husserl o seu maior expoente.

Ele prima por considerar a atividade do sujeito como prioritária no conhecimento e na relação social. O mundo seria uma estruturação do sujeito cognoscente, que pela sua atividade mental conhece a realidade material e social, e pela sua ação cria o mundo das realidades sociais.

Habermas entende que o paradigma da consciência, que entrou em crise no século XX, é marcado pela unilateralidade, e por isso, incapaz de dar conta de explicar a complexidade das relações entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. Falta a

esse paradigma a noção de “interação”. Aspecto fundamental no esquema habermasiano, que será trabalhado mais à frente.

Já o paradigma weberiano, embora tenha pontos de ligação com aspectos do paradigma da consciência, dele difere em muitos pontos. Weber fez do conceito de “racionalização” o ponto chave da sua interpretação do mundo moderno. Embora assuma partes do esquema de Weber, Habermas critica os seus vieses subjetivistas e individualistas. Também nele não está presente o conceito de “interação”. A racionalidade com a qual Weber trabalha é parcial, só atingindo a racionalidade com relação a fins, ou estratégica, que, segundo Habermas, é parte da relação social, que, entretanto, comporta outras formas de ação, inclusive a comunicativa, que ele não teria visto. Weber ainda enxerga a ação como sendo a de um sujeito e que se dirige a um fim.

O paradigma do trabalho sempre exerceu um forte poder de sedução sobre a intelectualidade ocidental, mais identificada com a esquerda. Foi no marxismo que esse modelo alcançou sua maior sofisticação.

Há críticas sobre a forma como Habermas interpretou a categoria trabalho em Marx. Teria sido uma interpretação reducionista. Para ele, em Marx o trabalho aparece como o conceito nucleador das atividades fundamentais dos homens. Por meio do trabalho os homens reproduzem a sua vida social e, entrando em relação com a natureza, dela extraem as condições básicas de sobrevivência.

Por valorizar tanto o elemento trabalho, as correntes marxistas viram no proletariado o portador social da redenção das mazelas sociais. Categoria social fundamental na sociedade moderna, em virtude da sua quantidade e força organizativa, o proletariado ancorou a esperança de transformação da ordem capitalista, interpretada como exploradora e injusta. O marxismo é uma corrente que procurou unir teoria e práxis. Não para contemplar o mundo, mas para transformá-lo e, neste processo, transformar-se.

Habermas vê aqui alguns problemas. Há uma forte tendência em Marx em ligar a forma do trabalho ao nível alcançado pelas forças produtivas, dando assim margens a interpretações tecnicistas da sua *weltanschauung*. Interpretações deste tipo, segundo Habermas, são reducionistas.

Outro problema é que, apesar da importância do trabalho na organização da vida social, para Habermas há um elemento que é anterior e fundante: a comunicação. Na esteira de Heidegger, Wittgenstein e Gadamer, a linguagem é assumida como

elemento cultural que possibilita a interação e o compartilhamento de sentidos, normas, sem os quais não se pode pensar a vida em sociedade.

Heidegger, por exemplo, entende que a compreensão é feita, também, mediante uma “estrutura de antecipação”, conceito que expressa o dado de que, ao compreender, o intérprete antecipa um certo sentido em virtude da sua historicidade e condicionamento social.² A consciência humana não é um dado vazio. Ela compartilha sentido, pois é um dado do “ser-aí-no-mundo”. A linguagem não é um dado exterior ao homem. É o seu horizonte mais íntimo. O homem não diz palavras, é dito por elas. Por isso, todo entendimento é compreensão, e toda compreensão é hermenêutica. O homem é um ser situado: *dasein*.

Essa perspectiva, que Habermas assume, está ausente em Marx. O fenômeno da comunicação é inerente à condição humana.

Por fim, Habermas mostra como o trabalho já não tem a força social nucleadora que possuía no passado. Ao menos, o trabalho, tal qual Marx identificou como sendo a característica marcante da época, ligado à indústria e corporificado no proletariado. Desde os anos 70, crescem outras formas de trabalho para além do industrial: o setor de serviço, o trabalho autônomo, e até mesmo, a falta de trabalho, em virtude de uma série de fatores, entre os quais avulta a profunda mudança na base tecnológica que caminha para a automação do processo produtivo.

Num momento em que o desemprego, não o sazonal, mas o estrutural, e o enfraquecimento do tipo de trabalho industrial, corporificado no proletariado se intensificam, o paradigma do trabalho perde a sua força explicativa, e se torna cada vez mais reducionista. A teoria do valor, essencial no esquema de Marx, perde a razão de ser quando a tecnologia e a ciência se tornam o principal elemento de incrementação das forças produtivas.³

Um outro paradigma com o qual Habermas dialoga é o que enfatiza o papel do sistema. De Parsons a Luhmann, a influência em Habermas é profunda. Esses autores enfatizam a realidade e a força do sistema na vida social, a ponto de em Luhmann o sistema ser concebido como autopoiético, sem lugar para a ação individual.

² GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 44.

³ Ver, por exemplo, o extenso excerto de Habermas sobre esta questão em Técnica e ciência enquanto “ideologia”. Cf. BENJAMIN, Walter. et. al. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção **Os Pensadores**).

Partindo de uma visão evolucionista, inspirada em Piaget, mostra que o principal problema da modernidade é o desengate entre mundo sistêmico e mundo da vida. O surgimento dos sistemas é dado pelo grau de complexificação da vida social. Eles surgem para impor uma racionalidade que já não mais é possível em nível da simples comunicação racional. Na modernidade eles se autonomizaram e invadiram o espaço (colonização) do mundo da vida.

Nesse esquema, o conceito de interação, intersubjetividade, comunicação e ação racionais estão ausentes. O indivíduo é paciente do sistema, da memória social, das regras, das normas, da tradição e da cultura, como está expresso em Parsons. Esses são os principais problemas que Habermas aponta nas teorias sistêmicas.

Por fim, uma reflexão sobre a sua relação com a Escola de Frankfurt, afinal, o berço de onde nasceu sua teoria. A sua relação com a teoria crítica é muito forte. Com ela compartilha o desejo de reconstruí-la em outras bases. Mas o seu afastamento frente aos seus principais suportes, sobretudo em relação a Adorno e Horkheimer, é notório.

Habermas pertence a uma geração mais nova da escola. Não esteve exposto aos condicionamentos que os membros mais antigos experimentaram, e as suas matrizes de pensamento são, também, diferentes: o interacionismo simbólico, o pragmatismo, a lingüística e a psicogenética piagetiana⁴ não fazem parte das matrizes do pensamento de Adorno e Horkheimer, muito afeitos a Marx na versão Lucaksiana, Weber e Freud. Daí as grandes diferenças que podem ser notadas em relação a Habermas.

Ele não compartilha o pessimismo atroz que a escola expressa em relação à modernidade avançada. Pessimismo que tem muito a ver com a conjuntura assaz difícil, de tempos sombrios, que os seus membros vivenciaram: os totalitarismos nazista e stalinista, a assimilação das massas ao sistema, a sensação de bancarrota da razão (não libertadora, mas subsumida aos ditames do capital: razão instrumental), e um sentimento de ceticismo, horror e ojeriza em relação ao mundo contemporâneo.

O capitalismo teria atomizado a vida social. As pessoas estariam sob a lógica do capital ao buscar os seus fins utilitaristas individuais, sem liberdade. Sociedade administrada. Concretização da jaula de ferro weberiana.

Haveria saída? Qual o portador social da mudança? O proletariado? Mas até ele teria sido cooptado pelo sistema.

⁴ HONNETH, Axel. Teoria crítica. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1996, p. 539.

Os tempos de Habermas são outros. Não vê um beco-sem-saída. A saída está na razão e ação comunicativas, e no fortalecimento do mundo da vida frente ao sistema.

Mesmo na questão da razão, ele conserva a herança iluminista que acredita no potencial libertador da razão. Diz, sobre isto, José Maurício Domingues:

[...] é cabal a preocupação de Habermas em resgatar a voz da razão, numa época de crescente irracionalismo, e nesse sentido como antídoto também ao pessimismo de seus antecessores em Frankfurt.⁵

A rejeição da colonização do mundo da vida pelo sistema, e a limitação do instrumental que possibilita o seu fortalecimento não podem rejeitar as formas modernas de vida.

A capitulação pessimista dos frankfurtianos, segundo Habermas, é originada no apego que eles ainda manifestam ao paradigma do trabalho. A sua maior expressão, o proletariado, foi subsumido ao sistema. O pessimismo se torna inevitável.

Para Habermas, é preciso levar em conta outras dimensões da vida. Transformar o recorte trabalho em um conceito nucleador, é tomar a parte pelo todo, ou seja, subdimensionar outras instâncias igualmente importantes, como a comunicação, que é considerada por ele como elemento fundante da vida social.

A NOVIDADE INTRODUZIDA POR HABERMAS: O NOVO PARADIGMA

Em virtude das mudanças operadas nas estruturas do mundo atual, típicas do capitalismo tardio, e em razão das origens intelectuais que influíram em sua visão-de-mundo, e pela sua consideração de que a comunicação é um elemento fundante da vida social, Habermas, embora dialogando com todos os clássicos, reviu os paradigmas antigos e propôs uma nova interpretação da sociedade. O seu paradigma é o da “ação comunicativa”, assentado numa racionalidade que é essencialmente comunicativa.

Três elementos são básicos na constituição deste novo modelo interpretativo: “a linguagem, a interação”, e o seu correlato, “a intersubjetividade”. O primeiro elemento tem as suas raízes em Heidegger, Wittgenstein, e na hermenêutica. Os demais, na tradição do interacionismo simbólico.

⁵ DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 83.

São esses conceitos que tornam possível a utilização de uma outra categoria basilar em seu esquema: “mundo da vida”, influência da Fenomenologia, sobretudo, na que está presente na sociologia de Schultz.

Expressa Axel Honneth:

A percepção da intersubjetividade lingüística da ação social constitui a base desta tese... aí (com Wittgenstein) que os sujeitos humanos estão ab initio, isto é, desde sempre, unidos uns aos outros na busca de compreensão pela língua. A forma de vida dos seres humanos distingue-se por uma intersubjetividade enraizada nas estruturas da língua; portanto, para a reprodução da vida social, a busca da compreensão mútua graças à língua representa um pressuposto fundamental, o mais importante mesmo.⁶

Por que os conceitos de interação, intersubjetividade e linguagem são tão importantes em Habermas, e não podem ser tratados separadamente?

Os conceitos de interação e intersubjetividade vieram da psicologia social de G. H. Mead. A formação da personalidade humana é uma construção que não se realiza por meio de uma via de mão única. É importante ver aqui sua diferença em relação a todos os que pagaram tributo à filosofia da consciência, por sua insistência na ação individual isolada e unilateral. Os indivíduos, segundo Mead e os interacionistas, se formam em relação com os demais. Só existe um eu porque há um você, que formam um nós. É a relação entre o “I” e o “me”. Nasce daí o self. Enquanto o “I” não for capaz de se colocar no lugar do outro, assumir suas perspectivas, não há consciência reflexa. É como num jogo, em que os participantes antecipam as ações dos demais. Essa corrente busca estudar o comportamento humano em interação social, simbolicamente mediada (pela linguagem). A comunicação humana seria mediada simbolicamente. No intercâmbio pessoal é possível a adoção da perspectiva.

O trabalho de Mead é uma crítica à filosofia do sujeito, porque ele vê a interação como relação social básica. A relação interpessoal pressupõe a internalização dos papéis de quem fala e de quem ouve, com isso, marcando uma grande distância do tipo de ação estratégica, que visa a um fim. A identidade pessoal e a autonomia moral surgem no processo de interação social por meio da internalização de papéis.

Embora Mead, segundo Habermas, tenha visto a importância da linguagem como veículo primário da socialização e da coordenação das ações, não levou isto até as

⁶ HONNETH, Axel. Teoria crítica. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1996, p. 538.

últimas conseqüências. Não percebeu que ela é um processo subjacente a isso e que precisa de uma normatividade para sinalizar algo.

É neste ponto que se tornam cruciais as sugestões de Parsons, e, sobretudo de Durkheim, quando apontam para a força da memória social, do fundo de tradições, repertório para a formação da personalidade, em que a linguagem aparece revestida de significação, anterior a qualquer novidade.

Diz Gabriel Cohn:

[...] a ação de que vai se tratar diz respeito a um intercâmbio entre atores sociais que se dá mediante a linguagem ... intercâmbio comunicativo entre atores ... a questão da linguagem ocupa o centro do palco... Trata-se do seu papel de meio de coordenação das ações de atores individuais que se comunicam entre si ... a linguagem é condição básica para a interação social.⁷

Os três conceitos estão imbricados. Com eles, Habermas erige o núcleo da sua teoria: “a racionalidade comunicativa”. Ela é a manifestação da sua ruptura em relação ao marxismo, à filosofia da consciência, e às idéias da Escola de Frankfurt.

Comunicação e ação racional são manifestações que têm a pretensão de poder justificar-se, com base no mundo objetivo, prestando-se a um julgamento por parte de outrem quanto à sua verdade e possibilidade de êxito. Para isto, tem que ser uma manifestação transubjetiva, cujo entendimento seja possível. Não se trata de verdade e falsidade em si, mas de pretensão a. São formas de argumentação nas quais o desempenho discursivo joga um papel importante na teoria.

A comunicação racional pressupõe um fundo comum de cultura, capaz de permitir a inteligibilidade, o compartilhamento e a intersubjetividade, só possíveis de ser encontradas no mundo da vida.

Todavia, só pode ser racional a comunicação que é susceptível de crítica. A necessidade de argumentação é fundamental.

Segundo Cohn,

A especificidade da ação comunicativa consiste no alvo que persegue: o entendimento entre os parceiros da interação. Sendo voltada para o entendimento mútuo (mais do que para a mera compreensão dos significados transmitidos), toda ação comunicativa envolve, implicitamente, reivindicações de validade do que está sendo comunicado nela. Ele remete a uma idéia central: a de que a validade

⁷ A teoria da ação em Habermas. Cf. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). **Teorias da ação em debate**. São Paulo: Cortez / FAPESP/ Instituto de estudos especiais/ PUC, 1993, p. 64.

das posições assumidas pelos parceiros da interação é contestável em princípio.⁸

No paradigma da comunicação o enfoque é dado para o entendimento intersubjetivo entre os sujeitos capazes de falar e agir. A razão centrada na comunicação busca suas medidas em procedimentos argumentativos que procuram resgatar três tipos de pretensão de validade: verdade proposicional, correção normativa e autenticidade subjetiva.

Na visão de Habermas, os que participam de uma comunidade comunicativa estão em pé de igualdade. Não há uma fala superior e incontestável. Todas as proposições estão em suspense, e se afirmam argumentativamente, podendo perder sua força persuasiva diante de outros argumentos. Não é o argumento da força, mas a força do argumento que conta.⁹

Neste ponto, o conceito de mundo da vida torna-se nodal em seu esquema. É o celeiro de idéias e interpretações que os sujeitos lançam mão para entender o mundo. É o estar no mundo numa situação de comunicação voltada ao entendimento, em que a comunicação se torna possível e as novidades, passíveis de interpretação.

Que implicações este tipo de construção estabelece?

1 – Com o paradigma da comunicação, Habermas relativiza a força explicativa de três paradigmas que se propuseram explicar a modernidade: o da consciência, o do trabalho e o sistêmico. Como já foi dito anteriormente, esses modelos explicativos da modernidade contêm elementos que são por ele assimilados na medida em que a ajudam a compreender. Mas ele demonstra a parcialidade e a insuficiência de todos. Eles não estão ancorados nas idéias de interação, intersubjetividade e linguagem, que são fundantes em seu esquema explicativo.

2 – Rejeita as conclusões advindas da teoria dos sistemas, do estruturalismo, e do pessimismo atroz da Escola de Frankfurt. Todas elas deixam pouco espaço, ou quase nenhum, (caso do estruturalismo e do sistema autopoietico de Luhmann) para a ação individual, e mais ainda, para uma compreensão da realidade social baseada na interação.

⁸ A teoria da ação em Habermas. Cf. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). **Teorias da ação em debate**. São Paulo: Cortez / FAPESP/ Instituto de estudos especiais/ PUC, 1993, p. 67.

⁹ Cf. Ibid., p. 68-69.

Mesmo no que tange à avaliação do mundo moderno, recusa a visão dos frankfurtianos de um mundo sem perspectivas, aprisionado na jaula de ferro. A teoria da ação comunicativa vê saída.

Habermas, ancorado, ainda, numa herança iluminista, não dá o veredito da impotência da razão. Frente a posturas que antevêm um crescente irracionalismo no mundo atual, crê no seu potencial emancipador, tanto como elemento de cognição do mundo (daí a sua convicção de que a sociologia é a ciência social apta a entendê-lo, para além da filosofia), quanto como elemento impulsionador da ação transformadora, que antepõe barreiras à colonização do mundo da vida pelo sistema.

Analisando o debate entre Habermas e Gadamer, Susan J. Hekman mostra como o primeiro recusa a idéia do segundo de que todo conhecimento é hermenêutico, e como o segundo recusa a herança iluminista do primeiro:

[...] Mau grado Habermas ter recentemente posto em causa a “filosofia primeira”, ele é, na raiz, um fundacionalista; não rejeitou definitivamente a busca iluminista de uma fundação estável para o conhecimento.¹⁰

3 – A construção teórica Habermasiana é inseparável de uma visão ética, de um sentido utópico da vida social. A ação comunicativa é uma forma de vida. Embora haja outras formas de ação social, a comunicativa está além da estratégica, da dramaturgica, etc. Essa postura aponta para um ideal de vida social democrática, em que as decisões são baseadas na livre discussão de idéias, na força do argumento, na busca do consenso. A esfera pública salta à vista, é o lócus da ação dos sujeitos sociais em busca da transparência, e a cidadania é a forma em que tudo isso se corporifica. Diz José Paulo Netto:

[...] A programática sócio-política inscrita na Teoria da ação comunicativa é, como não poderia deixar de ser, compatível com o projeto da Ilustração: trata-se, nitidamente da programática democrática ... o modelo da ação comunicativa pura – como esclarecem Freitag e Rouanet – é uma forma de interação caracterizada pela eliminação de todas as formas de coação externa e interna ... a estratégia do reformismo radical.¹¹

No mesmo sentido, Flávio Beno Siebeneichler afirma:

¹⁰ HEKMAN, Susan J. **Hermenêutica e sociologia do conhecimento**. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 198. Entre as páginas 187-198 ela fala do debate travado entre os dois. Pode-se perceber que a autora se alinha com a posição de Gadamer.

¹¹ Ibid., p. 60-61.

Este caminho é [...] o da razão e do esclarecimento, no qual toma partido em prol da comunicação, da emancipação, do mundo vital, da vida humana melhor, boa e justa, bem como da configuração racional da identidade de indivíduos e sociedades complexas, num contexto comunicativo, livre e de coações e de distorções de qualquer espécie, apoiado numa moral de cunho universalista.¹²

Ou seja, Habermas, neste ponto, representa uma continuação do projeto da Teoria Crítica, na medida em que busca reconstruí-la, sem separar os dois aspectos a ela inerentes: o da cognição da vida social, contraposta ao positivismo, e às implicações cognitivas que os paradigmas, com os quais dialogou, sugerem, o projeto emancipador que está em sua base.

Só que esse projeto emancipador não tem um portador específico: intelectuais, proletariado, burguesia, etc. É algo que diz respeito ao coletivo, que não deve ser tomado como sujeito coletivo, macro-sujeito, mas a uma comunidade comunicativa.¹³

CONCLUSÃO

A obra de Habermas é uma das mais significativas e densas da teoria social no século XX. É um marco na história da sociologia, pela dimensão, já que escreveu muito, pela densidade e complexidade (dialogou com todos os grandes teóricos sociais dos séculos XIX e XX), e pela novidade que ela expressa, já que acabou por criar um modelo interpretativo original, baseado na comunicação. Embora variadas matrizes teóricas já viessem enfatizando o poder da linguagem, a sua importância como elemento intrínseco da vida social, com ele a linguagem é levada ao centro do palco, núcleo de um modelo teórico que se propõe a interpretar o mundo, e ser instrumento de emancipação pessoal e social.

Habermas criou uma grande síntese do pensamento social. Não por somatória de elementos, mas por assimilação e rejeição críticas. Nenhuma corrente e nenhum pensador foram rejeitados ou assimilados no todo. Ofereceram subsídios para a sua criação original: a teoria da ação comunicativa.

¹² HABERMAS, Jürgen. **Razão comunicativa e emancipação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 148.

¹³ COHN, Gabriel. A teoria da ação em Habermas. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. (Org.). **Teorias da ação em debate**. São Paulo: Cortez / Fapesp/ Instituto de estudos especiais/ PUC – SP, p. 71.

A sua obra não sucumbiu ao pessimismo dos que, ao modelo de Horkheimer e Adorno, entre outros, viram na modernidade o triunfo da razão instrumental, da perspectiva de uma sociedade administrada de maneira totalitária, e da subsunção das pessoas, inclusive dos operários, à sedução do consumo.

Igualmente, ela não desacreditou do potencial emancipador da razão, herança dos iluministas, interpretada por muitas correntes teóricas modernas (sobretudo aquelas ligadas às filosofias pós-modernas) como instrumento de dominação e imposição de um projeto reducionista (tanto no campo da interpretação, quanto no da ação) que recusa legitimidade a outras formas de vida e a outros modelos de interpretação. Em Foucault, por exemplo, toda explicação é vista como imbricada com o poder, na forma de discursos que elaboram os parâmetros do que vai ser tido como verdade ou erro. Não se trata de fazer qualquer juízo de valor sobre essas perspectivas interpretativas. Apenas constatarque Habermas não aceita esta visão, todas tributárias de Nietzsche.

Habermas também não sucumbiu às visões que enfatizam o papel do sistema na vida social, a ponto de não deixar espaço à ação dos indivíduos. Não desconhece o papel do sistema. Sua interpretação da modernidade como a época de autonomização dos sistemas, em virtude da complexificação da vida social, que se descolaram do mundo da vida e, agora, lhe insufla uma racionalidade que o coloniza, que não lhe é própria, revela a sua compreensão da força que eles embutem. Não é à toa que Parsons e Luhmann têm grande influência em sua obra. Se é correto afirmar a realidade do sistema, é reducionista não perceber a dimensão das relações sociais marcadas pela interação, pela intersubjetividade que, além de ter um papel importante na estruturação da personalidade individual, criam um espaço para a construção da própria vida em sociedade. É o espaço do mundo da vida, conceito ausente nas interpretações sistêmicas.

Ele também não sucumbiu à tentação de ancorar a teoria no conceito trabalho, muito comum nos meios de esquerda. E assim não participou do sonho de muitos que depositaram sua confiança de redenção da humanidade no proletariado, e, quando esta esperança ruiu, após a segunda guerra mundial, caíram num negativismo estéril. Não só por isto. Já foi dito acima que a assunção do conceito “trabalho” como nucleador de modelo interpretativo da sociedade é reducionista. Antes do trabalho os homens estabelecem a comunicação, que não é mimética, mas languageira (expressão de Gadamer), que permite que se entendam e participem de uma dinâmica que possui sentidos já estabelecidos. Sem isto fica difícil pensar a vida em sociedade.

Se, por um lado, a sua construção teórica garantiu avanços, por outro, suscitou críticas variadas. A mais importante crítica sofrida por Habermas é a dicotomia presente nos conceitos de sistema e de mundo da vida. A ligação entre os dois conceitos (mundo da vida e sistema) se faz de maneira superposta e justaposta. Ou seja, a realidade do sistema se encontra com a do mundo da vida por meio de colonização, invadindo-a.

Será que as coisas são mesmo assim?

No interior do sistema não há possibilidade de comunicação racional? Pode-se argüir que, para Habermas, o sistema engloba as dimensões da economia e do poder, e que, portanto, tem uma lógica que não comporta a ação comunicativa. Mas essa concepção já não seria em si problemática?

De forma contrária, a lógica das relações no mundo da vida tornaria possível a ação comunicativa, pois é a esfera em que estão presentes a família, o espaço público. Não seria conceber de maneira purista uma realidade que, talvez, traga em si padrões sistêmicos?

Para Habermas, o mundo sistêmico teve origem no mundo da vida, e se descolou. O mundo da vida permaneceu intacto? O relacionamento entre eles não fica justaposto?

Não estaria esta sua construção por demais dicotomizada? Não deveria ser ela tomada como um elemento heurístico, uma espécie de construção tipo ideal, um modelo de realidade, mais que realidade do modelo?¹⁴

Outra questão que parece problemática é a própria construção do seu modelo interpretativo assentado na linguagem.

É aceitável que os conceitos de interação, intersubjetividade, e a visão da importância da linguagem na vida humana são por demais expressivos para ser desconsiderados.

Não estaria ele, porém, sobrevalorizando um elemento? Será que a teoria da ação comunicativa dá conta de expressar toda riqueza e variedade de fenômenos que se manifestam no cotidiano?

Sua teoria para ser uma construção idealizada que desconsidera a questão do poder, supondo uma busca de consenso, por meio da argumentação sem coação, uma comunidade lingüística. Seria isso possível e exequível? Como propiciar a todos, para

¹⁴ Cf. DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 92.

além dos que possuem competência comunicativa, a participação na vida social de maneira consciente e efetiva?

Esses são alguns problemas que sua teoria suscita. Uma citação de José Maurício Domingues expressa bem a sensação diante da teoria social habermasiana:

Mas nem por isso seria justo desconhecer a enorme contribuição de Habermas à teoria sociológica contemporânea. Seu esforço de síntese é enorme e, mesmo quando discordamos de seus resultados, é admirável observar como enfrentou quase todos os problemas conceituais que se colocam para as ciências sociais contemporâneas. Além disso, sua contribuição para a compreensão da modernidade, seu compromisso com uma teoria social crítica e emancipatória são elementos que somam para sua caracterização como um dos principais nomes da sociologia de nosso tempo, num projeto teórico que rompe, outrossim, as barreiras falsamente seguras das disciplinas que foram academicamente institucionalizadas.¹⁵



www.revistafenix.pro.br

¹⁵ DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 93.